

Estão as Chitas Seguindo no Encalço dos Tigres? Sondando as Elevadas Taxas de Crescimento na África

por Degol Hailu, Centro Internacional de Pobreza

As economias africanas estão crescendo. Entre 2000 e 2007, o crescimento do PIB para toda a região esteve na média de 4,4 por cento. Cinco países conseguiram crescer mais de 7 por cento. Esse número mágico é frequentemente utilizado como uma referência para a realização dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM). Em outros 14 países, as taxas de crescimento estiveram em 5-6 por cento, mesmo apesar do crescimento negativo per capita de 12 dos 47 países subsaarianos. Por exemplo, o crescimento encolheu em 5,6 por cento no Zimbábue, em 2,2 na Costa do Marfim, em 3,3 por cento na Eritréia, e em 1,4 por cento na República Centro-Africana.

Estas são estatísticas fascinantes segundo qualquer padrão de medida. Alguns analistas têm ido tão longe como a apregoar o advento das chitas africanas, seguindo as pegadas dos tigres asiáticos.

Infelizmente, as estatísticas do crescimento sozinhas dizem-nos pouco sobre o desenvolvimento econômico. A abordagem correta é a de analisar o modo como o crescimento é apoiado pelos resultados tangíveis do desenvolvimento. Um deles é a extensão em que as economias de elevado crescimento têm um vibrante setor manufatureiro. As parcelas da produção da manufatura na renda nacional e nas exportações são bons indicadores.

O quadro compara os períodos de alto crescimento para as economias africanas com aqueles para os tigres asiáticos. Com a exceção de Moçambique, a parcela de Valor Adicionado da Indústria Manufatureira (VAI) nos Tigres foi quatro vezes superior à parcela nas economias de elevado e médio de crescimento da região subsaariana. Moçambique destaca-se: o valor adicionado da indústria manufatureira do país atingiu os 15 por cento, quase três vezes a parcela de outros países da região. Mas apenas 6,6 por cento dos bens manufaturados em Moçambique são exportados.

Em média, a parcela da produção manufatureira no total de exportações de mercadorias foi de 83 por cento nas economias dos Tigres. Isto contrasta com uma parcela de 1,7 por cento dos países de alto crescimento e 9,7 por cento para as economias de crescimento médio na África Subsaariana. Mais revelador é o desempenho individual destas economias. As exportações de manufaturados compuseram apenas 0,5 por cento e 1,9 por cento do total das exportações em Angola e Serra Leoa, respectivamente. No Sudão, menos de 7,5 por cento das exportações foram de bens manufaturados.

É decididamente evidente que as elevadas taxas de crescimento são impulsionadas por exportações de produtos primários. O petróleo é o único produto de exportação da Guiné Equatorial. O petróleo responde por cerca de 96 por cento das exportações de Angola; os diamantes constituem o restante. O petróleo responde por três quartos das exportações do Chade. Cerca de dois terços das exportações do Sudão consistem de combustível. Para encurtar uma história familiar, na semana passada *The Economist* afirmou sem rodeios que "o comércio africano, não mudou muito desde o fim da era colonial". Matérias-primas não processadas saem; bens acabados entram "Estes podem ser interpretados como juízos apressados". Botsuana, Cabo Verde e as Ilhas Maurícias têm se saído notavelmente. Cerca de 80 por cento das suas exportações são de produtos manufaturados. Como proporção do PIB, no entanto, valor adicionado da indústria manufatureira é de apenas 5,5 por cento.



Os desempenhos de elevado crescimento são encorajadores, mas há poucos sinais de expansão nas atividades manufatureiras entre as chamadas Chitas. A dependência de produtos primários e da indústria extrativa é preocupante, especialmente em economias que são fortemente dependentes das importações e onde a manufatura interna poderá eventualmente fornecer substitutos. Para repetir um velho argumento, em longo prazo, a diminuição do preço relativo dos produtos primários é demonstrada empiricamente. Isto é explicado pelas elasticidades de demanda da baixa renda e alcance limitado para o desenvolvimento de produtos. A atual queda da atividade econômica global já está a ter um impacto sobre os preços das mercadorias. Entre julho e outubro, os preços da energia caíram 28,4 por cento. Os preços de mercadorias primárias não vinculadas a energia caíram 16,4 por cento.

Porque manufaturados? Está bem estabelecido que o setor seja superior em aumentos de produtividade, economias de escala e no estímulo a amplas articulações. O setor absorve e exige também uma mescla de mão de obra de alta e de baixa qualificação. Isto é o que distingue os Tigres das Chitas. Os primeiros colheram os benefícios da política industrial. Por exemplo, os Tigres administraram alocações de crédito e coordenaram o seu fluxo para o setor da indústria manufatureira. Eles se fiaram mais na oferta dos financiamentos baseados em crédito do que naqueles baseados em participações acionárias. Os fabricantes na Coreia do Sul eram subsidiados em tanto quanto 75 por cento quando obtinham crédito. As chitas correm rápido, mas não por muito tempo. Aprender as lições da história pode levá-las à trilha dos Tigres.

Taxas de Crescimento, Valor Adicionado da Indústria Manufatureira e Exportações

	Taxa de crescimento do PIB	Taxa de crescimento do PIB per capita	VAI (% do PIB)	Exportações de manufaturados (% do total das exportações)
Exportadores de energia com crescimento elevado *	10,2	7,5	4,4	1,7
Moçambique	7,4	4,9	14,9	6,6
11 economias de crescimento médio	5,5	2,9	7,4	9,7
Exportadores de manufaturados**	5,2	3,0	5,5	80,0
Os Tigres ***	7,4	5,7	24,8	83,0

* Angola, Chade, Guiné Equatorial, Serra Leoa, Sudão.

** Botsuana, Cabo Verde, Ilhas Maurícias

*** Coreia do Sul, Hong-Kong, Singapura.

Dados relativos aos anos: África(2000-2006) e Ásia (1980-1990).

Fonte: Calculadas a partir dos "World Bank Development Indicators, 2008.

O **Centro Internacional de Pobreza** (CIP) é um projeto conjunto do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e do Governo Brasileiro, que tem como finalidade a promoção da Cooperação Sul-Sul em pesquisa aplicada e treinamento sobre temas relacionados à pobreza. O CIP se especializa na análise dos temas da pobreza e da desigualdade e na provisão de recomendações para a formulação de políticas direcionadas à redução da pobreza. O CIP é diretamente vinculado ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o qual elabora pesquisas no âmbito do Governo Brasileiro, e ao Bureau for Development Policy, PNUD.

O CIP publica Working Papers, Policy Research Briefs, edições da revista *Poverty in Focus*,

One Pages e Country Studies.

Para informações adicionais e acesso às publicações do CIP:

www.undp-povertycentre.org